

## A Aula De Catecismo Na Escola Pública Mineira (1938-1962)

## Catechism Class In Public Schools In Minas Gerais (1938-1962)

## Clases De Catecismo En Las Escuelas Públicas De Minas Gerais (1938-1962)

Wilney Fernando Silva\*

Armindo Quillici Neto\*\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar a presença dos preceitos católicos no Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha/MG durante o período de 1938 a 1962. Indagaremos como algumas orientações papais foram postas em prática no cotidiano escolar. O investimento na educação foi uma poderosa estratégia no que diz respeito à expansão e à manutenção do poder da Igreja Católica. O trabalho avança ao mostrar como as aulas de Catecismo foram integradas ao cotidiano escolar. Como método de investigação, propomos a Pesquisa Bibliográfica realizada em livros, artigos, dissertações e teses. Além disso, empregamos a Pesquisa Documental que inclui a análise das fontes que circulavam na época, como: livros de atas de reuniões de docentes, jornais locais, leis e decretos do executivo local, documentos pontifícios e episcopais, manuscritos, álbum de fotografias, livros de atas das associações religiosas e seus manuais e livros do tombo paroquial. Conclui-se que as crianças e a mocidade em Porteirinha/MG, durante o período estudado, foram arregimentadas no Catecismo da Igreja. Os instrumentos utilizados para isso foram, sobretudo, a ação conjugada da imprensa e da escola. Esta frente de ação também nutriu o povo de instrução religiosa por meio da presença das aulas de Catecismo e do Ensino Religioso. Quanto à imprensa, os jornais, os panfletos e os livros passaram a ser não apenas um aparato religioso, mas objetos da cultura religiosa.

**Palavras-chave:** Catecismo; Educação; Grupo Escolar; Igreja Católica.

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG).

<https://orcid.org/0000-0003-4563-5045>

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<https://orcid.org/0000-0003-2553-4693>



**Abstract:** The present work aims to investigate the presence of Catholic precepts on the João Alcântara School Group in Porteirinha, Minas Gerais, Brazil, during the period of 1938 to 1962. We will investigate how some papal guidelines were put into practice in everyday school life. Investment in education was a powerful strategy when it came to expanding and maintaining the power of the Catholic Church. The work advances by showing how the Catechism and printed compendia were integrated into everyday school life. As a research method, we propose Bibliographic Research carried out in books, articles, dissertations and theses. In addition, we employ Documentary Research, which includes the analysis of sources that were circulating at the time, such as: minutes books of teacher meetings, local newspapers, laws and decrees of the local executive, pontifical and episcopal documents, manuscripts, photo albums, minute books of religious associations and their manuals, parish records books. It is concluded that children and young people in Porteirinha/MG, during the period studied, were enrolled in the Catechism of the Church. The instruments used for this were, above all, the combined action of the press and the school. This front of action also provided people with religious instruction through the presence of Catechism and Religious Education classes. As for the press, newspapers, pamphlets and books became not just a religious apparatus, but objects of religious culture.

**Keywords:** Catechism; Education; School Group; Catholic church.



**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo investigar la presencia de los preceptos católicos en el Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha, Minas Gerais, entre 1938 y 1962. Investigaremos cómo se pusieron en práctica algunas directrices papales en la rutina escolar. La inversión en educación fue una estrategia poderosa para expandir y mantener el poder de la Iglesia Católica. El trabajo avanza mostrando cómo las clases de catecismo se integraron en la rutina escolar. Como método de investigación, proponemos la investigación bibliográfica realizada en libros, artículos, dissertaciones y tesis. Además, empleamos la investigación documental, que incluye el análisis de fuentes que circulaban en la época, como: libros de actas de reuniones de profesores, periódicos locales, leyes y decretos del ejecutivo local, documentos pontificios y episcopales, manuscritos, álbumes de fotos, libros de actas de asociaciones religiosas y sus manuales y registros parroquiales. Se concluye que los niños y jóvenes de Porteirinha/MG, durante el período estudiado, fueron reclutados en el Catecismo de la Iglesia. Los instrumentos utilizados para ello fueron, sobre todo, la acción conjunta de la prensa y la escuela. Este frente de acción también nutrió al pueblo con instrucción religiosa mediante la presencia de clases de catecismo y educación religiosa. En cuanto a la prensa, periódicos, panfletos y libros se convirtieron no solo en un instrumento religioso, sino en objetos de cultura religiosa.

**Palabras clave:** Catecismo; Educación; Grupo Escolar; Iglesia Católica.

## Introdução

No período compreendido entre 1938 a 1962, o Grupo Escolar João Alcântara, principal instituição educacional da cidade de Porteirinha/MG, era a continuação do lar católico e a atmosfera que se buscava respirar nos dois ambientes educativos deveria ser idêntica. A educação teria de ser moldada por princípios cristãos e, na escola, o que se via eram projetos e ações educativas com valores religiosos. Havia um projeto “escolar” de destaque que ia da Igreja Matriz de São Joaquim ao Grupo Escolar: o ensino do Catecismo.

Deste modo, crianças e mocidade foram arregimentadas no ensino do Catecismo e isso representou uma preocupação central do então vigário da cidade, Julião Arroyo Gallo. O período temporal estudado coincide com a época de maior atuação do padre Julião Arroyo Gallo à frente da paróquia de Porteirinha. Extremamente doutrinário, chega à cidade em 1941, articula-se com os poderes político, social e educacional e, ao estruturar a paróquia, refaz e insere uma nova roupagem às práticas do Catolicismo de então. Julião foi um intelectual que recebeu uma educação melhor do que grande parte da população local e foi uma das poucas pessoas que deixou escrito diversos textos localizados em jornais, livros institucionais da Igreja e manuscritos acerca dos aspectos sociais, políticos, culturais e educacionais da região.

O padre Julião foi o diretor espiritual e o guia cristão das professoras do Grupo Escolar da cidade, pois realizava suas confissões, casamentos, comunhões e batizava seus filhos. Regularmente, o pároco estava presente nos projetos e nos eventos sociais e em reuniões ordinárias do corpo docente e atuava de forma atenta dentro e fora dos muros da escola, inclusive atuando como presidente do Caixa Escolar. Na visão do padre, as pessoas deviam obediência à Igreja, pois era o local onde o homem verdadeiramente nascia para a vida divina da graça, mediante o batismo e formava a família. Assim, a Igreja se considerava a sociedade de ordem sobrenatural e universal, *Sociedade Perfeita*<sup>1</sup>, isto porque dizia que reunia em si todos os meios para a salvação eterna dos homens. Para ele, era tarefa do Grupo Escolar João Alcântara ensinar e educar, mostrar à mocidade o caminho do dever, pô-la na vereda das virtudes e acostumá-la às principais práticas da religião para santificar as suas almas.

Nesse sentido, as professoras (servidoras públicas), orientadas pelo vigário, atuaram na catequese e acumularam funções na Igreja Católica, como zeladoras do Sagrado Coração de Jesus, da Pia União das Filhas de Maria, dentre outras atividades.

A Reforma Francisco Campos, implementada em 1931, introduziu o Ensino Religioso como matéria facultativa nas escolas públicas. Essa reforma visava



modernizar o ensino secundário e promover a educação moral e cívica, com o ensino religioso sendo considerado um elemento importante para esse objetivo. Francisco Campos, que foi o ministro da Educação na época, acreditava que a educação religiosa era fundamental para a educação moral e cívica, e que a religião católica deveria ser reconhecida como a religião de todo povo brasileiro (Carvalho, 1998).

Desta forma, o ensino do Catecismo ministrado associou a tradição e o conservadorismo, responsáveis por manterem a raiz e os princípios que caracterizam a base do Ensino Religioso, com os elementos da Pedagogia Moderna. Esta proposta do ensino utilizou algumas técnicas calcadas em métodos ativos, que valorizou a observação, a investigação e a experiência pessoal do aluno em situações práticas de ensino e aprendizagem, e inseriu o aluno no centro principal da ação permitindo aguçar o gosto pelo Ensino Religioso. Enfim, o ensino do Catecismo chamava a atenção da criança, assegurava o seu interesse e o envolvimento nas práticas escolares e paroquiais.

O presente trabalho tem como objetivo investigar a presença dos preceitos católicos nas ações educativas do Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha/MG, durante o período de 1938 a 1962, por meio das aulas de Catecismo. Indagaremos como as orientações papais foram postas em prática no cotidiano escolar, ou seja, a pesquisa delimitará um tempo e um local em que a produção das práticas educativas e sociais expressavam uma tendência abrangente e nacional. Assim sendo, a cidade de Porteirinha/MG estava conectada com o movimento religioso e pedagógico brasileiro.

Como método de investigação para esse trabalho no campo da História da Educação, propomos a Pesquisa Bibliográfica realizada em livros, artigos, dissertações e teses. Além disso, empregamos a Pesquisa Documental que inclui a análise das fontes que circulavam na época, como: livros de atas de reuniões de docentes, jornais locais, leis e decretos do executivo local, documentos pontifícios e episcopais, manuscritos, obras de memorialistas, álbum de fotografias, livros de atas das associações religiosas e seus manuais e livros do tombo. Por fim, com objetivo de manter o “ar do tempo”, foram conservadas as normas gramaticais da época.

O trabalho será dividido da seguinte forma: no primeiro momento, apresentaremos o tempo e o espaço escolar e suas conexões com a Igreja Católica nos anos 1938 a 1962. No segundo momento, a fim de entender o projeto de formação de crianças, homens e mulheres da cidade, faremos uma análise acerca do ensino do Catecismo no Grupo Escolar. Ao transitar no texto, dissertaremos como o legado católico penetrou nos poros culturais da cidade. Por fim, as considerações finais e referências fecham o trabalho.





Ao levantar fontes oficiais, discursos e documentos escritos, vimos que o Catolicismo foi uma espécie de “uniforme moral” da escola. Sabemos que existiam muitos alunos filhos de protestantes, espíritas ou de pessoas que seguiam religiões de matriz africana, como o Candomblé. Conforme o Censo Demográfico do IBGE (1950, p. 430), “99,5% das pessoas do município de Porteirinha eram católicas; havia um total de 71 pessoas que seguiam o protestantismo, 31 eram espíritas e 3 se declaravam sem religião, o que representava 0,53%”. No entanto, é importante destacar que não encontramos vestígios da presença destas religiões nos documentos oficiais da Igreja e da escola. O que se registrou e se manteve historicamente foi a memória católica. Enfim, podemos concluir que o Catolicismo e a escola produziram o cidadão da época.

## O Catecismo na escola e a formação da Igreja

A criança, logo que chega aos sete anos, primeiro que tudo deve aprender é o catecismo, porque é nesse importante resumo da doutrina cristã que se acham os princípios da educação moral do menino.

Infelizmente uma lei impia prohibiu o ensino do catecismo nas escolas porque alguns políticos o consideram como uma causa superflua.

Mas é nas páginas do catecismo que se acham bons conselhos; nela se encontram certos exemplos que se gravam inteiramente no espírito juvenil.

Hoje não são todos os pais que mandar ensinar o catecismo aos seus filhos porque, muitas vezes, não crendo na religião, o consideram erradamente como um conto inventado pelos padres.

A criança que cresce sem conhecer o resumo da Religião Cristã jamais pode ter o devido decoro a seus pais; perante a sociedade culta e religiosa Ella não tem valor algum; finalmente, quando se casa, não pode ser bom pae de família.

Examinemos agora este homem nascido e criado sem conhecer o catecismo.

Não sabendo ele o que o filho deve ser para sua mãe e seu pae, não sabendo dos exemplos que nos deu Jesus Christo, com a sua Santíssima Mãe e não sabendo finalmente os deveres de todo homem cristão, elle se entrega às ilusões do mundo e acaba arrependidíssimo de não ter aprendido o catecismo.





A criança deve, por conseguinte, aprender desde a tenra idade o catecismo e conhecer a Religião Catholica, a única verdadeira, e, em resumo, a unica digna porque ella não foi inventada por um Lutherou ou por outros devassos, mas plantada no coração do homem por Aquele que, pregado na cruz, outrora instrumento de ignominia, deu-nos todos os bons exemplos, obedecendo a seu Eterno Pae até a morte só para nos salvas (A Verdade, 1907, p. 2).

Embora, a princípio, as tensões entre católicos e liberais não fossem de grande impacto, a partir de 1910, iniciava-se a “ofensiva” católica que seria traduzida no movimento conhecido como Restauração Católica (Nagle, 2009, p. 72). Foi sobretudo na passagem das décadas de 1920 para 1930, com a intensificação das lutas pela preservação ou não da laicidade do Estado, que tais disputas ganharam relevo devido aos debates sobre o Ensino Religioso na escola pública, favorecendo a ampliação das discussões sobre a necessidade de sistematização de educação moral.

Conforme Cury (1988), os embates em questão foram parte das novas dinâmicas sociais em que ambicionava-se construir novas diretrizes para a educação, segundo as quais fosse possível socializar os indivíduos para a realidade da indústria e do trabalho. Tratava-se da construção de processos de racionalização pedagógica, com vistas a atender às demandas de um capitalismo em crescimento. Essas disputas significaram, também, uma forma de elaborar, pela educação, certo imaginário moral para o povo brasileiro, segundo as proposições dos grupos católicos e liberais.

Corroboramos com Cury (1988) em sua afirmação de que a análise do confronto entre liberais e católicos, somente é possível porque ambos partiam de alguns pontos em comum:



Há certos núcleos de convergência entre os dois grupos: o mundo e o Brasil estão em crise, devido a uma falência do individualismo liberal. E, portanto, faz-se necessária a reorganização do sistema da ordem, em novas bases. Esta reorganização se traduz na necessidade de se reconstruir ou refazer a ordem vigente sem destruí-la, pois, a crise é insustentável. A emergência de um nacionalismo autoritário se justificará no ataque ao liberalismo e ao comunismo. E o Estado que se legitima como instrumento eficaz da paz social, vê na educação o canal de ascensão social e moral dos indivíduos. No que os grupos em conflito só poderiam discordar quanto ao âmbito da extensão deste poder, já que são a base de sustentação do aparelho de Estado. E, ao menos ao nível do discurso, a base da reconstrução ou reconversão é a Educação. Entendem a Educação, senão a principal, pelo menos entre as principais “tábuas de esperança”. E a educação vale o que valer a cosmovisão que a sustenta. A educação sistematiza princípios filosóficos que embasam a visão de mundo, de homem, de sociedade e dos valores, de qualquer ação educativa, social e política (Cury, 1988, p. 129).

É, precisamente, no âmbito da ação do Estado em relação à educação que tais conflitos ideológicos iriam se intensificar, em uma tentativa de requalificar as instituições políticas do país, sem destruir junto com ela as bases estruturais que davam sustentação às próprias instituições liberais e católicas.

Por sua vez, também divergiam quanto a fonte de regeneração da sociedade e da República. Para os católicos se daria pela tomada de uma “filosofia integral”, segundo a qual premissas “ético religiosas” deveriam ser aplicadas pelo Estado e pelas instituições civis de maneira normativa. Já o grupo liberal iria apostar no papel do Estado como “mediador entre as ‘necessidades emergentes’ e o ‘novo espírito’ da época. Desta forma, se para o grupo católico, os católicos seriam a nação, para o grupo liberal, o Estado seria a nação” (Cury, 1988, p. 129).

O fragmento do jornal *A Verdade*, que abriu a presente seção, evidencia a existência do Catecismo como um empreendimento católico empenhado em explanar modos de comportamentos e atitudes a serem observados na vida cotidiana do cidadão. O Catecismo buscou enaltecer o modelo cristão do filho, da mulher e do homem, do pai e da mãe; inculcar o sentimento de repulsa aos movimentos ideológicos oposicionistas à doutrina da Igreja; e afirmar a religião católica na população como algo indispensável para se alcançar uma educação fundamentada nos princípios de Cristo. Assim, a infância seria o alvo principal das aulas de Catecismo, como vimos no excerto que abriu a seção. Segundo Jedin (1961, p. 140),

o Catecismo do Santo Concílio Tridentino representou um manual de ensino dos dogmas da Igreja, cujo objetivo foi o de formar, na mentalidade dos cristãos, os valores educacionais e práticos formulados no século XVI e a assimilação das reformas internas da Igreja realizadas em Trento.

Conforme estudos de Orlando (2013), como importante ferramenta da catequese, o Catecismo, originário do grego *katechismós*, significa ensinar a palavra, instruir. Com um sentido mais amplo, a catequese é um conceito que diz respeito à ação eclesial que conduz tanto os indivíduos quanto as comunidades à maturidade da fé, enquanto o Catecismo é um compêndio da doutrina da Igreja que exprime de modo essencial suas verdades fundamentais da fé, necessárias à salvação. O texto de Catecismo tem a função de sistematizar a ação catequética por meio do ensino, adequando à metodologia utilizada à idade e às circunstâncias em que será aplicado. Considerando uma transmissão via prática de leitura intensiva ou extensiva, “os manuais de catecismo se constituem textos de referências, seguros e autênticos ao ensino da fé e da doutrina católica, iluminados pela Tradição Apostólica, pelo Magistério da Igreja e pelas Sagradas Escrituras” (Orlando, 2013, p. 70).



Deste modo, sendo fiel ao juramento apostólico, durante quase todas as reuniões do Apostolado da Oração da cidade de Porteirinha e da Pia União Filhas de Maria, principais associações religiosas leigas, o padre Julião Arroyo Gallo chamava a atenção dos zeladores para uma função muito cara à Igreja Católica: a necessidade de incentivar o ensino do Catecismo às crianças pelos membros e a perseverança ao cumprimento dos deveres por parte delas, conforme dado obtido por meio de levantamento de todas as atas das seguintes fontes: 1) 1º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha, 30 de outubro de 1941 a 11 de setembro de 1949; 2) 2º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha, 9 de outubro de 1949 a 3 de março de 1957; 3) 1º Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria da Paróquia de Porteirinha, 10 de outubro de 1951 a 19/12/1966). Na ata do Apostolado da Oração, de 9 de novembro de 1941, ficou registrada a seguinte passagem:

O Padre Julião tomando a palavra, falou a respeito da necessidade do ensinamento de catecismo às crianças, fazendo um apelo às zeladoras que aflorem ainda mais o espírito de Deus nos pequenos, e que elas não faltassem ao catecismo, sob pena de não se poder obter o êxito desejado e necessário progresso relativo aos bons frutos desse ensinamento (Paróquia São Joaquim, 1941-1949, p. 4).

O ensino do Catecismo era uma das tarefas do Apostolado da Oração. O pároco sempre elogiava as professoras do Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha como catequistas por estarem sempre próximas das crianças e por deterem os conhecimentos pedagógicos que auxiliavam no ensino e no aprendizado. De acordo com o Manual do Apostolado da Oração (Apostolado da Oração, 1923, p. 133), cabia à zeladora “estar prompta a ensinar o catecismo, adornar os altares e capellas, especialmente quando o presidente [padre] assim o mandar”.

No entanto, era um dever dito nobre, pois não era qualquer pessoa que poderia exercer a função de catequista. O perfil desejado da catequista era aquele que: “deveria fugir das más companhias, das reuniões mundanas como: jogos, vendas, bailes, cinemas, clubs, theatros” (Apostolado da Oração, 1923, p. 120). O perfil definia também que a catequista deveria ter uma boa formação intelectual e um bom aparelhamento pedagógico. Assim, as professoras mais devotas, as que detinham um bom conhecimento da doutrina católica, eram escaladas para o ensino do Catecismo às crianças. A ideia era que as crianças, ao observarem o exemplo da catequista, acabassem imitando seu modo de viver.





Em maio de 1945, um escrito do padre Julião também corroborou a informação de que as professoras atuavam fortemente nos assuntos da Igreja, sobretudo na preparação das crianças para o recebimento do sacramento da eucaristia:

#### **Catecismo**

Passa de 70 o numero de crianças que estão se preparando para fazer a primeira Comunhão, recebendo diariamente a instrução necessária das competentes e esforçadas professoras. [...] Recebem tambem diariamente instrução das delicadas e abnegadas cooperadoras nas funções religiosas (Gallo, 1945, p. 35).

O livro de atas de reuniões das professoras do Grupo Escolar também registrou o ensino do Catecismo neste espaço: “[...] em 17 de maio de 1958, a sábia diretora Lourdes Irlanda Matos, pediu às professoras que preparassem os alunos, sobretudo os do 1º ano, para receberem a primeira comunhão, em uma ou duas aulas de catecismo por semana” (Grupo Escolar João Alcântara, 1956, p. 27). Observamos que a diretora direcionava o ensino do catecismo principalmente aos alunos de menor idade. Certamente, era a resposta a um pedido do pároco local à escola para que fossem selecionadas aquelas crianças.

A Igreja Católica sempre teve um olhar especial às crianças. Contabilizados na matemática paroquial, o batismo e a primeira comunhão constituíam números importantes. Se o quantitativo de eucaristias, de batismos e de crismas estivessem aumentando, seria um indicativo positivo para o desenvolvimento da paróquia local.

Ao identificar a formação moral com a educação religiosa e ao transferir à Igreja a responsabilidade da formação moral das pessoas, a escola estava atendendo às exigências do projeto nacional da Igreja Católica, e, também, sendo fiel à concepção autoritária da época, procurando estabelecer mecanismos para reforçar a disciplina e a autoridade. Atendendo a este projeto político e católico nacional, observamos que a diretora escolar mostra, por meio de um recorte da ata de reuniões, os parâmetros das práticas do ensino religioso e diz que “deverão ser tratados nas várias séries do ensino primário os aspectos seguintes”:

- Deveres do ser humano para com Deus e o próximo.
  - Necessidade de uma Religião para situar o homem no Universo e para o estabelecimento de uma correta escala de valores.
  - O valor da oração como contato entre a criatura e o Criador.
  - Espírito e matéria. O princípio da identidade do ser humano apesar da mutabilidade física (Grupo Escolar João Alcântara, 1946, p. 50).
- 

Por fim, a diretora finalizou o programa de Educação Religiosa e moral ao propor a metodologia a ser utilizada nas aulas:

As desejadas auto-realização, integração e participação consciente condicionam-se a um desenvolvimento global e integral do educando. O lar, a religião, a escola e a sociedade precisam propiciar à criança condições que lhe permitam desenvolver-se harmoniosamente nos aspectos espiritual, moral, intelectual, emocional, físico e social (Grupo Escolar João Alcântara, 1946, p. 50).

Diante deste modus vivendi, a escola defende os princípios católicos e mostra a necessidade de incorporá-los à sociedade e à política educacional de então. A diretora também cita as técnicas e a metodologia da Revista do Ensino que, aliás, eram lidas nas reuniões pedagógicas e serviam de formação continuada. Segundo Souza (2002), a Revista do Ensino foi criada no final do século XIX no governo Afonso Pena ao realizar a primeira Reforma no ensino do período republicano. A publicação da revista, de forma mais efetiva, somente ocorreria, entretanto, a partir de 1925, no governo de Fernando Mello Vianna, quando foi realizada uma reforma na Instrução Pública do Estado de Minas Gerais. De acordo com Biccias (2008), a Revista do Ensino foi um impresso pedagógico oficial de educação direcionado aos professores, diretores e técnicos da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais. O periódico pode ser analisado como uma “tecnologia de poder”, na medida em que atuou como objeto de ação e de controle do governo mineiro sobre a atuação docente, sendo um suporte para leis, normas e recomendações das diretrizes educacionais durante seu período de circulação. Veja que as propostas modernas da Escola Nova chegavam no Grupo Escolar e conciliaram com o conservadorismo e com os princípios morais e religiosos.

A preocupação com a iniciação e preparação das crianças aos sacramentos católicos eram tão marcantes em Porteirinha que em 1955 o padre Julião, em conjunto com o Apostolado da Oração, fundou a Cruzada Eucarística Infantil (Paróquia São Joaquim, 1955, p. 23). Criada em 1916 para atender aos desejos do Papa Bento XV (1914-1922), a Cruzada Eucarística Infantil teve o propósito de animar a comunhão frequente entre as crianças. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), “o Papa pediu que as crianças, os adolescentes e os jovens se unissem numa Cruzada Universal, rezando pela paz no mundo” (Fraternidade Sacerdotal São Pio X, [2023]). O apelo vingou e, por volta de 1933, a Cruzada Eucarística somava quase três milhões de associados, internacionalmente.



A Cruzada Eucarística em Porteirinha reuniu crianças na faixa etária dos oito aos catorze anos, de ambos os性os, com o objetivo de acompanhar a formação na vida cristã, no lar e na comunidade. Os “cruzadinhas”, como eram chamados, usavam vestes de cor branca e ostentavam uma pequena fita amarela com uma cruz azul. Vestidos desta forma, participavam das missas e das procissões, e cantavam com entusiasmo o hino da Cruzada Infantil *Somos Pequenos da Cruzada*, apresentado a seguir:

Hino da Cruzada Infantil

Somos pequenos da Cruzada  
Terna esperança do Senhor  
Somos nós a geração formada  
Na escola do nosso Deus de Amor.

A Cruzada Infantil  
Vem trazer ao Brasil  
Um vigor novo e forte  
Dos Pampas ao Norte  
Dos campos às serranias  
Das praias ao sertão  
Nós havemos de ouvir  
O Brasil repetir o seu nome cristão

Só o amor à lei divina  
Tornar-se-á bom cidadão  
Quer no lar, no campo e na oficina  
A Deus sirva como um bom cristão.

(Apostolado da oração, 1923, p. 205).

O hino fazia uma menção ao passado em que o nome do país era cristão (Terra de Vera Cruz), assim, a expectativa da volta deste nome era real. O hino também evocava um sentimento de pertencimento ao grupo, seus componentes seriam a geração formada na escola de Jesus Cristo que traria ao país um novo e forte vigor da fé. As crianças de todos os cantos e recantos do Brasil comporiam este novo exército religioso e aprendiam desde cedo que, para ser tornar um bom cidadão, um bom filho e um bom trabalhador, era preciso obediência e respeito à lei divina.



Nas reuniões semanais da Cruzada, abordavam-se questões próprias da faixa etária dos participantes, além de programarem a realização e participação em festas religiosas, passeios e atividades de lazer. O grupo possuía uma bandeira que era erguida e exibida durante as principais atividades paroquiais. Em 6 de janeiro de 1956, o padre Julião convidou os paroquianos para assistirem uma série de ações na Igreja, dentre elas a bênção da bandeira da Cruzada Eucarística Infantil de Porteirinha, conforme o panfleto, representado na figura que se segue:

**Figura 1**- Convite do pároco Julião Arroyo Gallo

Fonte: Gallo (1956).

O ensino do Catecismo à infância e à mocidade ficou registrado na Carta Pastoral Conjunta<sup>2</sup>, de 1915, encabeçada pelo arcebispo do Rio de Janeiro, Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. O documento foi transscrito no livro Tombo da Paróquia de Santo Antonio:

Ao Clero e fieis de Nossas Dioceses, Saudação, Paz e Bênção em Nossa Senhor Jesus Christo. [...] Tomemos à nossa conta a infância e mocidade pelo ensino do catecismo feito com verdadeiro empenho, pelas industrias em afastal-os e preserval-os dos vícios, pela insistência com seos paes para que se desvelem na educação christã dos filhos. Procurem os sacerdotes embeber de espirito christão as famílias, fazendo que nellas se pratique o exercicio da oração em commun de manhã ao menos e à noite, se reze o terço todos os dias, se respeitem as leis de Deus e da Igreja, o exemplo da piedade dos paes seja norma e estímulo para o procedimento dos filhos e escolha as escolas para seos filhos que melhor preservem os espirito cristão [...] (Parochia de Santo Antonio de Grão Mogol, 1913, p. 31).



Na Carta Pastoral, o episcopado chama atenção do clero e dos pais quanto ao cuidado com a infância e com a mocidade. Reforça a necessidade do ensino do Catecismo, do exercício da oração cotidiana e do terço. A Igreja também diz aos pais que eles são o exemplo para seus filhos e que a escolha da escola para eles deve ser pautada naquela que preza pela educação cristã.

Em Porteirinha, em 19 de novembro de 1949, o então prefeito da cidade e tesoureiro do Apostolado da Oração, Altivo de Assis Fonseca, durante a reunião mensal desta associação “tomou a palavra e propôs aos membros presentes que fosse lançado em ata um voto de louvor e agradecimento ao Revmo. Diretor do Apostolado, o Padre Julião Arroyo Gallo pelos inestimáveis serviços à paroquia” (Paróquia São Joaquim, 1949, p. 27) e pelo trabalho no catecismo das crianças. Na sequência, o padre Julião agradeceu e “abordou mais uma vez o assunto referente ao ensinamento do catecismo. Disse estar contente com seu progresso” (Paróquia São Joaquim, 1949, p. 27). No entanto, o padre nunca estava satisfeito com os números e sempre pedia a todos o máximo de empenho para a melhoria constante na preparação catequética das crianças.

Nesta mesma oportunidade, o padre “propôs que fosse lançada na presente ata um voto de louvor às catequistas Idalice Coêlho e Carolina Vieira”. Estas duas catequistas, pertencentes ao Apostolado da Oração e à Associação Filhas de Maria, eram servidoras do Grupo Escolar. Por meio dos livros de atas das reuniões de professoras e dos boletins de registros escolares, chegamos a um número aproximado de docentes que atuaram neste educandário durante o período de 1938 a 1962. O levantamento mostrou que passaram por lá 35 professoras, conforme fontes a seguir: 1) Grupo Escolar João Alcântara. *Boletins Mensais dos registros escolares, 1944 a 1955*; 2) Grupo Escolar João Alcântara. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade, 1946*; 3) Grupo Escolar João Alcântara. *Livro de atas das reuniões das professoras, 1956*; 4) Pia União das Filhas de Maria. *Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria, 1951 a 1966*; 5) Paróquia São Joaquim. *1º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1941 a 1949*; 6) Paróquia São Joaquim. *2º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1949 a 1957*; 7) Paróquia São Joaquim. *3º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1957 a 1967*.



Deste universo, 40% das professoras (14) compuseram os quadros da diretoria das associações religiosas da cidade, ocupando importantes cargos como secretária, diretora, tesoureira e catequista. Vale ressaltar que o levantamento foi feito a partir das assinaturas que constam nas atas das associações e do Grupo Escolar João Alcântara. Deste modo, o número de professoras que participaram das associações

da cidade pode ser até maior, haja vista que os membros da diretoria eram os únicos que assinavam as atas.

Grande parte destas professoras foi formada em colégios confessionais. O número de diretoras do Grupo Escolar, habilitadas pelo Colégio Imaculada Conceição, merece destaque aqui, conforme o quadro que se segue:

**Quadro 1** - Diretoras do Grupo Escolar e formação docente

Período	Nome da diretora	Instituição de formação do Curso Normal	Local
1933 a 1938	Francisca Maria de Brito	Colégio Nossa Senhora das Dores	Diamantina
1939 a 1940	Stela Jansen	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1941 a 1944	Rosalva Antunes da Silva	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1945 a 1947	Maria Lisbela de Souza	Colégio Nossa Senhora das Dores	Diamantina
1948 a 1951	Lourdes Irlanda Matos	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1951 a 1952	Palmyra Santos Oliveira	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1953 a 1967	Lourdes Irlanda Matos	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros

**Fontes:** Grupo Escolar João Alcântara (1944 a 1955); Oliveira (2012).

O Colégio Imaculada Conceição<sup>3</sup> foi o centro irradiador do pensamento católico no Norte de Minas Gerais e, junto com o Colégio Nossa Senhora das Dores<sup>4</sup>, em Diamantina, foram responsáveis por formar todas as diretoras do Grupo Escolar durante as décadas de 1930 a 1960.

Neste período estudado, foram oferecidos cursos de formação de catequistas às professoras e diretora, como as “Conferências de Pedagogia Catequética para Professoras realizadas pelo Padre Alvaro Negromonte”, anunciadas no *Gazeta do Norte*:

#### **Conferencias de Pedagogia Catequética para Professoras.**

Terá início amanhã, na Congregação Mariana, às 13,30 horas, uma série de aulas sobre pedagogia catequética para professoras, na palavra do Padre Alvaro Negromonte (Conferências [...], 1945, p. 4).

Merecem destaque duas obras do padre Alvaro Negromonte: o *Manual de Religião* (1941) e o *Meu Catecismo* (1957), ambas utilizadas no ensino do Catecismo na Paróquia São Joaquim e no Grupo Escolar. Importante destacar que a Revista do Ensino de Minas Gerais também foi uma estratégia de formação do professorado católico do Grupo Escolar, conforme apontado anteriormente. A Revista do Ensino trazia inúmeras lições de catecismo e orientações conservadoras e católicas (Biccas, 2008). A figura de Alvaro Negromonte é central no ensino de catecismo escolar



nesse período. De modo geral, seus livros estavam presentes nas aulas de catecismo nas escolas mineiras, cenários importantes da reação católica frente o ensino laico. Por meio destes impressos, as professoras catequistas aprendiam os aspectos metodológicos e o conhecimento da doutrina católica e os repassavam às crianças.

Na próxima seção, visitaremos a aula de Catecismo ministrada no Grupo Escolar João Alcântara e na Paróquia São Joaquim, tendo como base as obras do padre Alvaro Negromonte. Veremos, conforme fontes mobilizadas e em seus limites, como o Catecismo inculcava hábitos e valores religiosos e morais nas crianças, além de modelar comportamentos e formar o cristão.

## Visitando a aula de Catecismo

De acordo com Orlando (2013), embora a existência de catecismos seja anterior à modernidade, foi nesse período que esse impresso ganhou maior impulso. Segundo Bollin e Gasparini (1998), o termo Catecismo, utilizado para indicar o livrinho da doutrina cristã, já era usado tanto em latim quanto em língua vulgar no século XIV e servia à exposição da doutrina do Cristianismo às pessoas ignorantes ou às crianças. Mas foi a partir da Reforma Protestante e dos usos que Lutero fez do impresso para a propagação da fé, que a Igreja se mobilizou e passou a usar a mesma estratégia para a instrução e a conformação da fé católica. Os catecismos adotaram na modernidade novos contornos. A catequese que abarcava um cunho apostólico passou a ser utilizada pela Igreja sob uma nova ótica, a do ensino (Orlando, 2013). Nas palavras de Bollin e Gasparini (1998, p. 105), “a catequese é vista como o ensino da doutrina cristã concentrada no catecismo; o livro que compila, de um modo simples, essencial e completo tudo o que o fiel deve conhecer”.

A produção de catecismos no século XIX, debatida durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), trouxe as marcas dos novos tempos. Novos tempos que pediam novos objetos, novas práticas e novas representações, próprias do tempo e do lugar no qual estavam circunscritas (Orlando, 2013). A multiplicidade de catecismos que eclodiu no século XIX tornou uma exigência do Papa Pio X à elaboração de um catecismo único, temática já discutida desde o Concílio de Trento e novamente abordada no Concílio Vaticano I, mas que não chegou a ser definida.



Seguindo o movimento ultramontano<sup>5</sup>, em vários países como França, Itália e Alemanha, foram adotados textos de catecismo considerados únicos nestes países. A estratégia da Igreja em adotar um texto único de catecismo permitiu inferir que se pretendia, por meio da religião e do impresso, moldar, de forma padrão, a cultura católica das nações.



Em nome dessa padronização, em 1905, o Papa Pio X publicou a Encíclica *Acerbo Nimis* (sobre o ensino do Catecismo), na qual buscou combater aquilo que a autoridade romana chamava de ignorância religiosa dos católicos, estimulando mais a expansão da catequese de forma eficaz (Pio X, Papa, 1905). A insistência de Pio X em nutrir o povo de alimento espiritual irradiou uma obra que conclamou catequistas voluntários para os catecismos paroquiais e professores católicos em suas salas de aula, pelo acesso que estes tinham a um número maior de crianças de forma mais contínua. Essas duas frentes de ação da catequese contribuíram para fazer proliferar a produção de manuais de catecismo, já desencadeada desde o século XIX (Lustosa, 1977).

O Livro Tombo da Freguezia Santo Antonio de Padua, de Riacho dos Machados, apresenta um relato do padre Ricardo Alfredo Gnani, de 15 de agosto de 1915, acerca dos desafios encontrados no ensino do Catecismo às crianças e o valioso auxílio da figura da professora nesta tarefa:

Celebrei no dia 15 de Agosto do anno 1915 a Festa de Nossa Senhora da Glória, precedida da devota novena. [...] Quiz nesta circunstancia fazer a primeira comunhão das crianças. Infelizmente os Paes e as mães, nada comprehendendo de Eucaristia, não souberam e não quizeram aceitar os meus conselhos, sendo muitos Paes e mães contrarios ao sacramento da confissão. Nesta circunstancia me auxiliou de maneira extraordinaria, na preparação dos meninos e das meninas à primeira comunhão, a professora publica, Dona Noemi Figueiredo, que sendo catholica, de vida honesta e irreprehensivel, foi sempre alvo das criticas perseguições de muitas senhoras do Riacho, brutas, ignorantes e sem religião (Livro [...], 1914, p. 43).

Embora as dificuldades sejam aparentes com relação ao ensino do Catecismo às crianças, bem como com relação à recepção dos sacramentos por parte das famílias de Riacho dos Machados, o pároco tem dentro da escola pública uma forte aliada: as professoras; tanto é que Ricardo Gnani faz um agradecimento especial ao trabalho de Dona Noemi Figueiredo no ensino do Catecismo às crianças.



O principal objetivo do Catecismo é ensinar os preceitos da Igreja Católica como verdades absolutas. Segundo Orlando e Dantas (2008), para um aprendizado mais efetivo, era preciso que esses ensinamentos fossem enraizados nas crianças sem dar margem a maiores questionamentos. Assim, no Grupo Escolar eram selecionados, sobretudo, os alunos de menor idade. Deste modo, a idade do discernimento, tanto para a confissão como para a comunhão, seria aquela ao redor dos sete anos. A partir desse momento, surgia a obrigação de cumprir os dois preceitos da confissão e da comunhão pela leitura do livro.



O Manual do Apostolado da Oração traz as estratégias para “combater efficazmente a deplorável influência das escolas sem Deus, salvaguardar a inocência dos meninos e preparar uma mocidade christã” tendo como meio a preparação das crianças para o recebimento da primeira comunhão. No início do texto, o manual alerta o leitor que essa preparação “é tão fácil como poderosa e, além disso, necessária em nossas vilas e cidades. Para atrair todos os meninos d’uma parochia à comunhão, é preciso recorrer a diversas indústrias” (Apostolado da Oração, 1923, p. 67).

Conforme o impresso, as três estratégias fundamentais para o sucesso do aumento das comunhões nas paróquias por parte das crianças eram: 1) a Inauguração, 2) o Dia da Comunhão e 3) a Lembrança da Comunhão. A *Inauguração* diz respeito ao tempo mais favorável para iniciar o trabalho com as crianças. Veja que é indicada a época das primeiras comunhões e o início das aulas letivas:

Então os meninos se acham vivamente impressionados, e, a datar desse dia, é fácil fazer-lhes tomar a obrigação verbalmente ou por escrito, e, depois, o costume da comunhão mensal feita em comum. A reabertura das aulas é também um época própria (Apostolado da Oração, 1923, p. 68).

O *Dia da Comunhão* é a segunda ação para a melhoria das comunhões. Neste dia, juntamente com as crianças, catequistas, pároco, pais e familiares, é realizada a cerimônia com pompa e formalidades para festejar o fim da preparação do estudo do Catecismo e recebimento da primeira comunhão. Para a Igreja, a primeira comunhão significa o dia do perdão e da eucaristia. Trajadas com vestes brancas e de posse do livrinho do Catecismo, durante a cerimônia as crianças acendem sua vela simbolizando “a fé, a salvação e a felicidade em Jesus Cristo e na Igreja Católica” (Chevalier; Gheerbrat, 1997, p. 570). A criança, “com sua luz, acende pela comunhão e pelo próprio Cristo” (Pedro, 1994, p. 179). Ao final do evento, os catequizados recebem os diplomas que certificam a conclusão do Catecismo e o recebimento da primeira comunhão.



Veja na próxima figura os alunos do Grupo Escolar João Alcântara no dia da primeira comunhão. Observe em suas mãos o diploma enrolado, o livrinho do Catecismo e a vela, símbolos utilizados na cerimônia. No fundo, o presidente da solenidade, o padre Julião Arroyo Gallo.

Figura 2- Primeira Comunhão dos alunos do Grupo Escolar



Fonte: Gallo (1952a).

Por fim, a derradeira estratégia é a *Lembrança da Communhão*. Para atrair as crianças para a comunhão, a Igreja apostava e presenteava a frequência com pequenos brindes, como: broches, medalhas, crucifixos etc. Conforme o Manual do Apostolado da Oração (Apostolado da oração, 1923, p. 69), “de tempos a tempos distribui alguma lembrança a todos os vossos jovens commugantes: uma medalha, uma estampa, o Manual dos meninos e assim os contentareis”. O Manual traz o seguinte relato de um padre:

Quereis saber o meio que tomei para attrahir todos os meus meninos à communhão do mez? Três vezes por anno lhes dei uma lembrança. A primeira vez dei a todos a medalha milagrosa: traziam-n'a sobre o peito com santo orgulho! A segunda vez o pão bento: dava gosto ver os seus transportes de alegria! A terceira vez enfim, no dia de S. José, uma bella imagem deste santo Patriarcha. Todos me prometeram mandal-a emoldurar e colocar perto de seu leito (Apostolado da oração, 1923, p. 70).

O relato finaliza com a seguinte conclusão: “Oh! Quão pouca cousa basta para alegrar a creança e attrahil-a a Nosso Senhor! É excellente industria para acostumar, suavemente e sem contrariedade, todos os meninos d'uma parochia à frequencia dos sacramentos” (Apostolado da oração, 1923, p. 71). Interessante notar que as estratégias para atrair as crianças para comunhão também devem ser pensadas enquanto produtos de memória e de produção de laços afetivos e de pertencimento a uma comunidade.

Além de conquistar a frequência na comunhão, também era necessário garantir sua eficácia entre as crianças. Observamos na Figura 3 um aluno do Grupo Escolar que acaba de concluir sua preparação para a primeira comunhão:

Figura 3 - Primeira Comunhão



Fonte: Gallo (1952b).

O corpo disciplinado e comportado era produzido a partir da leitura do livro do Catecismo. Conforme os ensinamentos católicos, o terço na mão indicava a devoção à Maria Santíssima, mãe de Jesus Cristo, e aos valores da Igreja. O Catecismo na escola e a formação da Igreja solidificavam crenças e condutas e consolidavam o projeto de formação. Formação esta que começava desde a infância, mediante o direcionamento da sua vontade e da concepção de suas convicções.

### Considerações finais

No que diz respeito à presença da Igreja na educação formal e, elegendo o Grupo Escolar João Alcântara, compreendemos que a educação muito contribuiu para a manutenção da influência do Catolicismo entre as pessoas. Mesmo sendo uma instituição de ensino pública, a Igreja Católica tinha ali seu lugar cativo.



Nesse espaço escolar, assim como em diversos espaços Brasil afora, foram visíveis as características de um uma moral católica em detrimento dos preceitos de uma escola pública. Embora existissem alunos oriundos de famílias protestantes e espíritas, o que foi registrado e mantido historicamente foi a memória católica. As fontes nada dizem das outras religiões. Há um profundo silêncio quanto aos outros credos. Esta evidência nos leva à ideia do predomínio da concepção tridentina que afirmava ser inadmissível que o Catolicismo não tivesse seu espaço na escola pública, haja vista considerar as orientações espirituais superiores às temporais.

Os discursos empreendidos pelas professoras e diretoras explicitavam os protestos dos católicos face às medidas laicas introduzidas no sistema escolar brasileiro. Eles operavam uma direção e um controle da educação às novas gerações. Quando a direção de uma escola pública diz: “Sim, senhores, queremos Deus nas Escolas!”, a concepção Sociedade Perfeita ali fora propagada e a laicidade escolar fora comprometida. A escola escolheu ser aliada da Igreja, que dizia possuir a verdade sobre tudo e toda a vida do homem.

Desta feita, na concepção católica de educação, o magistério foi dotado de uma marca religiosa e o professor foi elevado à condição de um dos principais agentes do processo de disseminação da doutrina nas escolas por meio das aulas de catecismo e de Ensino Religioso. Para o padre Julião Arroyo Gallo, o professor exercia um verdadeiro apostolado e precisava possuir uma preparação moral de base católica para desenvolver os seus sacrifícios e mostrar a palavra de Cristo tida como um princípio de educação. Deste modo, sob as orientações e bênçãos clericais, foi amalgamado o modelo tridentino com a finalidade de formar um católico nos diversos setores da sociedade, especialmente no educacional.



Conforme análise das atas das associações religiosas, a Pia União das Filhas de Maria prezava por um ideal de mulher cujo destino natural era lutar junto à militância católica e a renunciar os prazeres do mundo para se tornar uma futura mãe, esposa, devota e professora primária. As professoras do Grupo Escolar João Alcântara, formadas nos tradicionais colégios católicos do Norte de Minas Gerais, como o Colégio Imaculada Conceição e o Colégio Nossa Senhora das Dores, carregavam e reproduziam para os espaços públicos toda uma crença e moral católicas. Essas mulheres ajudavam o padre na catequese das crianças, na organização de festividades religiosas e na difusão da doutrina, ou seja, elas exerciam uma valiosa função à Igreja atuando dentro e fora destas associações.

Sob o olhar atento do padre, as mães, filhas ou futuras mães, que mais tarde se tornariam donas de casa ou professoras, recebiam uma formação para a educação



dos filhos e dos alunos. Assim, esse comportamento feminino foi objetivado na casa, na família, na vizinhança, na Igreja, nos espaços públicos e nos eventos particulares, tendo como principal eixo a religião católica. À mulher coube o papel de ser a boa mãe que cuida dos filhos, enquanto o pai provedor sai para trabalhar. A ela, também, coube a tarefa de ensinar, pois era a primeira educadora dos filhos em Cristo, tarefa que seria continuada pela professora primária.

Neste ínterim, os ensinamentos no Grupo Escolar zelavam pela ordem moral, mas para isso era preciso dar ênfase ao papel da religião na instituição. Para este efeito, era indispensável que todo o ensino e toda a organização da escola (professoras, programas e projetos) fossem regidos pelo espírito cristão, sob a direção e vigilância da Igreja Católica. A formação das novas gerações, dentro dos preceitos da doutrina católica, foi um dos eixos norteadores da ação pedagógica da época em consonância com as políticas educacionais nacionais.

O papel da educação adquirida no ambiente familiar católico desempenhou um importante elemento na construção da sociedade, composta por homens e mulheres honrados, tementes a Deus e servidores da pátria. A educação que a mãe e o pai dispensavam aos seus filhos buscava formar o bom filho, o honrado cidadão e o correto católico. Assinalou-se a importância de ministrar uma educação alicerçada em bases católicas para promover um ambiente social moralmente sadio, estabelecendo um diálogo constante entre as ações e o cotidiano do indivíduo com os preceitos e valores pregados pelo Catolicismo.



Baseados na análise das fontes, a aula de Catecismo ministrado associou a tradição e o conservadorismo, responsável por manter a raiz e os princípios que caracterizavam a base do Ensino Religioso, com os elementos da Pedagogia Moderna, ação que estava em conformidade com os preceitos da Reforma Francisco Campos. Esta proposta do ensino utilizou algumas técnicas calcadas em métodos ativos que valorizou a observação, a investigação e a experiência pessoal do aluno em situações práticas de ensino e aprendizagem e inseriu o discente no centro principal da ação permitindo aguçar o gosto pelo Ensino Religioso. Enfim, a aula de Catecismo chamava a atenção da criança, assegurava o seu interesse e o envolvimento nas práticas escolares e paroquiais.

O recebimento da comunhão, por sua vez, era uma ação comum dentro da escola. Conforme a tradição católica, ela tinha a finalidade de difundir os preceitos sacramentais da Igreja e servia para remediar os pecados e preparar as crianças para a Páscoa. A preocupação com a iniciação e preparação das crianças para esse sacramento era bastante valorizada; e, em 1955, o padre Julião, junto com o Apostolado da Oração, funda a Cruzada Eucarística Infantil.



O que se pretendia naquele tempo e lugar era o avanço da sacralização da sociedade, ou seja, a Igreja pretendia ampliar a presença da concepção Sociedade Perfeita e o privilégio de ser reconhecida como a exclusiva fonte de orientação moral para as pessoas.

Conforme dados do IBGE, 99,5% dos habitantes do município de Porteirinha eram católicas, ou seja, havia pessoas que seguiam outras orientações religiosas, como: o protestantismo e o espiritismo. No entanto, o que a Igreja Católica desejava naquele momento era que a cidade de Porteirinha/MG e o Grupo Escolar João Alcântara fossem regidos por uma ordem cristã.

Seguindo os mesmos passos do projeto educativo nacional, chegamos à conclusão que as crianças e a mocidade em Porteirinha/MG, durante o período estudado, foram arregimentadas no Catecismo da Igreja Católica. Os instrumentos utilizados para isso foram, sobretudo, a ação conjugada da Igreja, da formação docente e da escola. Nesta perspectiva, com a finalidade de recuperar e ampliar o poder de influência que a Igreja detinha desde os tempos coloniais, foram fundados diversos colégios católicos visando à formação de uma elite dirigente, consoante à tradição e à cultura católica. As escolas públicas não ficaram para trás, pois grande parte dos professores foi formada nesses colégios confessionais que carregavam e reproduziam para os espaços públicos toda uma crença e moral católicas. Esta frente de ação também nutriu o povo de instrução religiosa por meio da presença das aulas de Catecismo e do Ensino Religioso. Quanto à imprensa, os jornais, os panfletos e os livros passaram a ser não apenas um aparato religioso, mas objetos da cultura religiosa. Enfim, a memória escrita, difundida por intermédio do impresso Catecismo da Igreja Católica, por exemplo, visou eternizar valores e comportamentos, bem como formar e produzir a sociedade.

## Referências

A VERDADE: Catecismo. Montes Claros, anno 1, n. 16, 28 set. 1907.

APOSTOLADO DA ORAÇÃO. *Manual do Apostolado da Oração*. 13. ed. Ytú: Typographia do Apostolado, 1923.

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986.

ASANO, Sandra Nui. Colégio Nossa Senhora das Dores e a formação de piedosas Filhas de Maria, dedicadas professoras e perfeitas esposas. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO “HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal. *Anais* [...]. Natal: UFRN, 2002.



ASSOCIAÇÃO PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. 6. ed. São Paulo: Livraria Salesiana, 1943.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998.

BORGES, Kátia Franciele Corrêa. *Santa, esposa-mãe e professora: Revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros (1943-1957)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRAT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

CENTRO DI STUDI FILOSOFICI DI GALLARATE. *Enciclopedia filosofica*. Roma: Stampa Romagraf, 1979. v. 8.

FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X (FSSPX). *A Cruzada Eucarística*. Menzingen: Fraternidade Sacerdotal São Pio X, [2023]. Disponível em: <http://fsspx.org/pt/cruzada-eucar%C3%ADstica>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GALLO, Julião Arroyo. *Catechismo*. Porteirinha/MG, 1945. Álbum de fotografias

GALLO, Julião Arroyo. *Primeira comunhão dos alunos do Grupo Escolar*. Porteirinha/MG, setembro de 1952a. 1 fotografia. Álbum de fotografias

GALLO, Julião Arroyo. *Primeira comunhão*. Porteirinha/MG, setembro de 1952b. 1 fotografia. Álbum de fotografias.

GALLO, Julião Arroyo. *Convida aos paroquianos para assistirem uma série de ações na Igreja: [convite]*. Porteirinha/MG, 6 jan. 1956. Álbum de recortes de jornais.

CONFERÊNCIAS de Pedagogia Catequética para Professoras. *Gazeta do Norte*, Montes Claros, n. 1587, p. 4, 15 de abril de 1945.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Boletins mensais dos registros escolares do Grupo Escolar João Alcântara*. Porteirinha/MG: Grupo Escolar João Alcântara, 1944-1955.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas das reuniões das professôras do Grupo Escolar “João Alcântara”*. Porteirinha/MG: Grupo Escolar João Alcântara, 22/03/1956 - 06/05/1961.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas das reuniões das professoras do Grupo Escolar João Alcântara*. Porteirinha/MG: Grupo Escolar João Alcântara, 1956.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade e dos termos de visitas dos srs. Assistentes Técnicos*. Porteirinha/MG: Grupo Escolar João Alcântara, 01/02/1946 - 16/07/1954.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade e dos termos de visitas dos srs. Assistentes Técnicos*. Porteirinha/MG: Grupo Escolar João Alcântara, 1946.

IBGE. *Recenseamento geral do Brasil de 1º de setembro de 1940: censo demográfico - População*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. t. 2. Série Regional - Minas Gerais.

JEDIN, Hubert. *Concílios ecumênicos: história e doutrina*. São Paulo: Herder, 1961.

LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Immortale Dei*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1º de novembro de 1885. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_01111885\\_immortale-dei.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html). Acesso em: 24 nov. 2023.

LIVRO do tombo da Freguezia Santo Antonio de Padua. Riacho dos Machados, 2 de fevereiro de 1914, p. 43. Mensagem de Ricardo Alfredo Gnani.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A presença da igreja no Brasil: história e problemas. 1500-1968*. São Paulo: Giro, 1977.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

NEGROMONTE, Alvaro. *Manual de religião*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1941.

NEGROMONTE, Alvaro. *Meu catecismo*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. v. III.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de (org.). *Escola Estadual João Alcântara 1912-2012 - há cem anos fazendo história*. Porteirinha: Grafiminas, 2012.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Os manuais de catecismo como fontes para a história da educação. *Revista Roteiro*, Joaçaba, p. 67-88, 2013. Edição Especial.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO “O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Aracaju. *Anais* [...]. Aracaju: [s. n.], 2008. p. 1-16.

PAROCHIA DE SANTO ANTONIO DE GRÃO MOGOL. Livro do tombo da Parochia de Santo Antonio de Grão Mogol. Grão Mogol, 1910. *Carta Pastoral de Dom João Antônio Pimenta*, de 19 de março de 1912, p. 3-5.

PAROCHIA DE SANTO ANTONIO DE GRÃO MOGOL. *Livro do tombo da Parochia de Santo Antonio de Grão Mogol*. Grão Mogol, 1913.

PARÓQUIA SÃO JOAQUIM. 1º *Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha*. Porteirinha/MG, 30 de outubro de 1941 a 11 de setembro de 1949.

PARÓQUIA SÃO JOAQUIM. 2º *Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha*. Porteirinha/MG, 9 de outubro de 1949 a 3 de março de 1957.

PARÓQUIA SÃO JOAQUIM. 3º *Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha*. Porteirinha/MG, 7 de abril de 1957 a 30 de abril de 1967.

PARÓQUIA SÃO JOAQUIM. *Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria da Paróquia de Porteirinha*. Porteirinha/MG, 10 de outubro de 1951 a 19 de dezembro de 1966.

PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. 6. ed. Aparecida: Santuário, 1994.

PIO X, Papa. *Carta Encíclica Acerbo Nimis* - Sobre o ensino do Catecismo. Vaticano: Santa Sé, 15 abril de 1905. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_15041905\\_acerbo-nimis.html](http://w2.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_15041905_acerbo-nimis.html). Acesso em: 10 out. 2022.

SOUZA, Laura de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

## Notas

<sup>1</sup> A Idade Moderna já traz marcas diferentes. O Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, reelabora a concepção medieval e a atualiza para facilitar a convivência entre Igreja e sociedade. A segunda concepção, chamada *Sociedade Perfeita*, foi elaborada mais propriamente por decreto; ela não se culturalizou como a primeira. A Sociedade Perfeita emergiu no cenário da história, engendrada para a Igreja se autojustificar e defender-se de uma sociedade religiosamente dividida (Reforma Protestante); politicamente mais autônoma, pelo menos em relação à Igreja Católica; economicamente, sob os impulsos de um capitalismo tímido, mas emergente; culturalmente banhada pelos ideais do Renascimento, veiculador de humanismo adverso ao católico. Por isso aparece a Igreja como Sociedade Perfeita para concorrer com o descontinar da nova sociedade (Araújo, 1986, p. 49). Na concepção Sociedade Perfeita, a Igreja é uma sociedade juridicamente perfeita. Conforme o Papa Leão XIII, em sua encíclica *Immortale Dei* (Sobre a Constituição Cristã dos Estados), de 1885, esclarece esta concepção de Igreja ao afirmar que “Deus dividiu, pois, o governo do gênero humano entre dois poderes: o poder eclesiástico e o poder civil; aquele preposto às coisas divinas, este às coisas humanas. Cada uma delas no seu gênero é soberana; cada uma está encerrada em limites perfeitamente determinados” (Leão XIII, Papa, 1885, p. 9).

- <sup>2</sup> Carta Pastoral assinada pelo Cardeal Arcebispo Metropolitano de S. Sebastião do Rio de Janeiro, os Arcebispos Metropolitanos de Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre e os Bispos de cinco Províncias Meridionais do Brazil. Ao Clero e fieis de Nossas Dioceses, Saudação, Paz e Bênção em Nossa Senhor Jesus Christo. Nova Friburgo/RJ, 17 de janeiro de 1915 (Parochia Santo Antonio de Grão-Mogol, 1913, p. 28-37).
- <sup>3</sup> O Colégio Imaculada Conceição foi o primeiro colégio para moças de Montes Claros. Fundado pelas freiras da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, da Bélgica, em setembro de 1907 (Borges, 2011), tinha como objetivo primeiro o trabalho com a educação, um dos caminhos de romanização da Igreja brasileira.
- <sup>4</sup> O Colégio Nossa Senhora das Dores, localizado na cidade de Diamantina/MG, foi um educandário religioso feminino fundado em 1866 por Dom João Antônio dos Santos, o primeiro bispo de Diamantina, e pelas freiras franciscanas vicentinas que chegaram a Minas Gerais em 1848. Detalhes, consultar Asano (2002).
- <sup>5</sup> O Ultramontanismo surge precisamente na França na primeira metade do século XIX e se refere à doutrina política católica que busca em Roma a sua principal referência. Esse movimento reforça e defende o poder e as prerrogativas do Papa em matéria de disciplina e fé. De acordo com a Enciclopédia Filosófica (CENTRO DI STUDI FILOSOFICI DI GALLARATE, 1979, p. 442), o Ultramontanismo foi um termo usado fora da Itália para designar “a doutrina de ação das teses e interesses da Igreja de Roma, tanto nas relações teológicas e jurisdicionais com as igrejas nacionais, como nas relações políticas com os Estados, especialmente nas questões pertinentes à matéria religiosa”.